

Rebeliões de extinção

Extinction rebellions

T.J. Demos

Tradução: André Leal

Revisão técnica: Patricia Mourão de Andrade

Resumo

O presente artigo analisa como diferentes grupos ambientalistas encaram questões de justiça climática e desigualdades raciais em face da emergência climática e da emergência do Antropoceno, apresentando produções artísticas que mobilizam questões afins.

Palavras-chave

Antropoceno. Justiça climática. Arte contemporânea.

Abstract

The article analyses how different environmentalist groups confront issues regarding climate justice and racial inequalities in the wake of climate emergency and the emergence of the Anthropocene, by presenting artworks that mobilize related matters.



Figura 1
William Turner, *Slavers
throwing overboard the dead
and dying, typhoon coming
on* [Escravidistas lançando os
mortos e moribundos ao mar,
tufão chegando], 1840
fonte: Museum of Fine Arts
Boston

De acordo com os ativistas ambientais do Extinction Rebellion (XR), devemos descarbonizar até 2025 ou então iremos confrontar a morte de nosso futuro.¹ Sua demanda, com base em estudos científicos recentes que destacam quão apertada é a janela temporal antes que o planeta ultrapasse pontos de não retorno da catástrofe climática, coloca novos imperativos não apenas ao engajamento político, mas também à academia, desacostumada a operar nas condições de emergência do pós-Antropoceno.

De fato, as práticas estabelecidas há muito pelas humanidades, baseadas na observação distanciada, no pensamento crítico e na pesquisa desacelerada [*slow research*], são agora ameaçadas pela temporalidade da urgência ativista e sua explícita politização orientada para os fins. Se nos importamos com a vida na Terra, não há alternativa senão participar ativamente, assim como muitos cientistas antes conhecidos por sua neutralidade política, recentemente começaram a pressionar por mudanças de políticas – até abraçando a ação direta e sendo presos em protestos nos quais pesquisa e ativismo convergem. Um exemplo é Gary Bradbrook, cofundador do XR, formado como biofísico molecular antes de começar a organizar movimentos e a preconizar a desobediência civil.²

Deveríamos, entretanto, no lugar de abandonar a consciência histórica e o pensamento crítico ao abraçar a causa urgente da resposta climática, reiterar nosso compromisso com esses recursos agora mais que nunca – ou assim irei argumentar. Longe de estar fora de moda, esses recursos são essenciais para auxiliar na determinação de nossas futuras estratégias de ação. Isso é válido tanto no âmbito político quanto no da história da arte, se consideramos cuidadosamente, por exemplo, como as práticas estéticas e a mídia, incluindo as do grupo XR, operam no contexto da emergência climática, ou como a emergência é definida e como nós podemos ampliar essas lutas e a elas nos unir produtivamente.

Deveríamos começar por direcionar a análise crítica às reivindicações do XR, escrutinando como o grupo parte de estatísticas abstratas (carbono na atmosfera medido em partes por milhão) para defender a ação política urgente. “Infelizmente, por causa de anos de atraso e inação, nós chegamos a uma

¹ Ver: Extinction Rebellion. Disponível em: <https://rebellion.earth>. Acesso em jul. 2023.

² Ver: This is not a drill: 700+ arrested as Extinction Rebellion fights climate crisis with direct action, *Democracy Now!*, 8 out. 2019. Disponível em: www.democracynow.org/2019/10/8/extinction_rebellion_global_actions_climate_crisis. Acesso em jul. 2023.

crise em que só conseguiremos cumprir nossas metas [de redução de carbono] se... tomarmos medidas de emergência urgentes!”, eles escrevem.³ A definição de emergência do grupo se baseia principalmente em modelagens climáticas prospectivas e nas ameaças ambientais iminentes, de onde derivam seus argumentos em defesa da desobediência civil como forma de contornar a corrupção governamental vinculada a interesses industriais; defendem assim ações como fechar estradas, colar-se em prédios, encenar funerais para o futuro. Todas elas são ações midiáticas diretas desenhadas para fazer com que o governo declare e aja em resposta à emergência climática.

Outros grupos ativistas, mais alinhados às perspectivas da justiça social na análise política, no entanto, insistem em situar o colapso ambiental nas longas histórias de opressão colonial, despossessão da terra e violência estrutural contínua do extrativismo e do petroc capitalismo. Como a pesquisa e o ativismo por justiça ambiental nos ensinaram, essas forças impactam desproporcionalmente as comunidades mais vulneráveis que estão na linha de frente das mudanças climáticas [*frontline communities*] e que sofreram décadas, ou mesmo séculos, de desigualdades socioeconômicas, políticas e ambientais. Muito mais do que aquelas com mais recursos, essas comunidades são e foram devastadas pelo aquecimento global e os eventos climáticos extremos, tendo suportado anos de exposição à toxicidade, a infraestruturas falhas e a colapsos no ecossistema, muitas vezes sem as opções de adaptação ou realocação. Para elas, a rebelião contra a extinção é algo totalmente diferente do que as lutas atuais por descarbonização.

É por essa razão que os grupos ativistas alinhados que operam internacionalmente sob o nome de Condenados da Terra – evocando a militância anticolonial de Frantz Fanon de meados do século 20 – foram tão severos em suas críticas

³ Segundo o XR em seu site dedicado à “Emergência”, “As concentrações de dióxido de carbono estão agora no nível recorde de 411 partes por milhão (ppm), um aumento de mais de 45 por cento em relação aos níveis pré-industriais. As concentrações agora estão no nível mais alto dos últimos 3 milhões de anos, ou seja, desde antes de os humanos modernos terem evoluído neste planeta. Para estabilizar a temperatura, as emissões precisam atingir saldo zero. De fato, o clima irá continuar aquecendo lentamente por cerca de 10 anos após as emissões de CO₂ serem zeradas devido à inércia termal! Quanto mais demorarmos, mais difícil será para estabilizar as temperaturas em um nível seguro. Infelizmente, por causa dos anos de atraso e inação, nós chegamos a uma crise na qual apenas iremos atingir nossas metas se tomarmos medidas de emergência urgentes!” Ver: The Emergency, Extinction Rebellion. Disponível em: <https://rebellion.earth/the-truth/the-emergency>. Acesso em jul. 2023.

ao XR, recusando-se a ver a emergência climática como algo apenas futuro. De fato, como consideram em relação à atual ameaça climática,

a desolação não é algo ‘do futuro’. Para aqueles de nós que somos indígenas, da classe trabalhadora, pretos, pardos, *queer*, trans ou temos deficiências, a experiência da violência estrutural se tornou parte de nosso direito de nascença. Greta Thunberg convoca os líderes mundiais a agir, lembrando-lhes de que “a nossa casa está em chamas”. Para muitos de nós a casa está em chamas há muito tempo: sempre que a maré da violência ecológica sobe, nossas comunidades, especialmente no sul global, são as primeiras a ser atingidas. Somos os primeiros a enfrentar a poluição do ar, a fome, as crises de saúde pública, as enchentes, as secas e os deslocamentos forçados.⁴

De acordo com essa leitura, a emergência climática não emergiu como uma consequência acidental da modernidade industrial, afetando todos de maneira igual (contrariamente à crença popular segundo a qual “estamos todos juntos nessa”). Ao contrário, ela é o resultado de séculos de pilhagem colonial, transformações ambientais violentas e destruição genocida, que criaram injustiças profundas e sistêmicas.

A ruptura resultante é uma das maiores divergências nas políticas de crise atualmente – entre o ativismo pela descarbonização do XR e a ecologia de justiça social dos Condenados da Terra –, e aí fica claro que o ambientalismo é uma cena de profunda discordância.⁵ No lugar de propor um horizonte político compartilhado e universal, o ambientalismo forma uma zona de conflito e antagonismo, com a emergência de um grupo ameaçando apagar a emergência de outro, potencialmente agravando a opressão e tornando, por meio das diferenças, a solidariedade cada vez mais precária. Em outras palavras, há mais do que uma rebelião contra a extinção.

O modo como entendemos a emergência climática e, por extensão, a geologia política do Antropoceno, também resulta em abordagens radicalmente

⁴ Wretched of the Earth, An open letter to Extinction Rebellion, Common Dreams, 4 maio 2019. Disponível em: www.commondreams.org/views/2019/05/04/open-letter-extinction-rebellion. Acesso em jul. 2023.

⁵ Colocado de outro modo: nós descobrimos uma divergência ontoepistemológica na compreensão de ‘meio ambiente’, formando um ‘incomuns’ [*uncommons*], um lugar de necessária negociação e diferença que pode levar em direção à solidariedade, mas não necessariamente à unidade. Ver Blaser, Cadena, 2018.

diferentes da arte, do ativismo e da academia. Tal como vejo, com essas reflexões históricas, torna-se urgente, no contexto mais amplo das demandas emergenciais, considerar cuidadosamente essas discordâncias mais amplas e suas apostas, especialmente quando analisamos práticas artísticas que assumem um caráter ativista e intervencionista. Em vez de apoiar a neutralidade apolítica, como acontece com as correntes dominantes de grande parte das ciências e das humanidades tradicionais, essa análise crítica age por meio da amplificação de enquadramentos baseados na justiça oriundos de longas histórias de movimentos por justiça ambiental, realçando uma complexa compreensão socioecológica do colapso climático. O imperativo é superar os entendimentos superficiais da emergência que limitam nosso campo de visão aos impactos de curto prazo e, ao contrário, compreender os conflitos do presente à luz de formações sociais e ecológicas há muito enredadas. De fato, muitas práticas estéticas experimentais que operam na interseção entre os estudos ambientais e o ativismo por justiça social estão fazendo exatamente isso.

Considere, por exemplo, *Climate Crimes*, a instalação multimídia de Adrian Lahoud de 2018 que mapeia a circulação global das emissões de aerossóis provenientes dos combustíveis fósseis, usando dados compilados pela Nasa que detalham sua curta duração e demonstram seus impactos em regiões geográficas específicas.⁶ A obra responsabiliza as Conferências do Clima da ONU e contesta suas negociações abstratas, que estabeleceram a média de 1,5 ou 2 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais como limite para o aquecimento global. Na realidade, algumas regiões do mundo (especialmente na África e na Ásia) vão aquecer muito mais. O reconhecimento do aquecimento desigual levou o diplomata sudanês Lumumba Di-Aping a acusar as regiões industriais do norte global, e por extensão os negociadores do clima da ONU, de praticar ‘genocídio climático’, uma posição que informa o projeto de Lahoud. Considere ainda o vídeo *Love is the message, the message is death* (2016), de Arthur Jafa, uma perturbadora compilação de gravações de câmeras de celular ou de bordo registrando a brutalidade policial contra afro-americanos, no qual a palavra ‘clima’ não se refere apenas às condições ambientais catastróficas, mas também a uma

⁶ Ver: Project focus | Adrian Lahoud: Climate Crimes, Victoria and Albert Museum, London, 2020. Disponível em: www.vam.ac.uk/articles/project-focus-adrian-lahoud-climate-crimes. Acesso em jul. 2023.

categoria socioecológica mais ampla de opressão racial. De fato, uma breve cena do vídeo mostra duas pessoas tentando atravessar zonas inundadas logo após o furacão Katrina, um desastre *antinatural* [*unnatural*], precipitado pela convergência entre clima extremo, desigualdade racial e colapso da infraestrutura.⁷

Abordagem diferente, porém relacionada, é oferecida pelo coletivo de pesquisa com sede em Londres Forensic Architecture, que investiga casos de violência estatal e corporativa contra comunidades colonizadas, desprivilegiadas e militarmente oprimidas ao redor do mundo.⁸ Trabalhos recentes incluem *Herbicidal warfare in Gaza* (2019), um relatório online que inclui vídeos e textos documentando o uso de glifosato por Israel em regiões na fronteira dessa área colonizada, onde armas químicas são empregadas para destruir a vegetação e espalham-se pelo território palestino, em atos de colonização atmosférica, de modo a assegurar terras para Israel; e *Triple Chaser*, também de 2019, que inclui um vídeo expondo as atividades do fabricante de gás lacrimogêneo e CEO da Safariland Warren B. Kanders, o que resultou no seu afastamento do Conselho Diretor [*Board of Trustees*] do Whitney Museum of American Art depois de pressão social contra a ‘lavagem artística’ dos lucros bélicos por parte da instituição cultural. Nesse último caso, a generalização do uso de gás lacrimogêneo para sufocar revoltas sociais ao redor do mundo, como mostrado no vídeo, deixa evidente a armamentização da atmosfera pelo Estado antidemocrático e pela securitização militar.

Por fim, considere o trabalho *Infinity minus infinity*, do Otolith Group, um filme experimental de 2019 que aborda a geologia a partir de uma perspectiva político-ecológica diferente, na qual os crimes do capitalismo racial estão íntima e materialmente ligados à violência da catástrofe climática. O filme elenca uma série de figuras alegóricas – uma espécie de coral de futuros contadores da verdade comentando os horrores do nosso presente de desequilíbrio climático – que relacionam a colonização das Américas ao início do desastre ambiental do Antropoceno, relacionado, por sua vez, a cenas atuais de xenofobia antimigrantes que acabam por gerar ambientes cada vez mais hostis. Baseando-se na poética feminista negra da filósofa brasileira Denise Ferreira da Silva, bem como

⁷ Eu falo sobre esse trabalho de maneira mais aprofundada em Demos, 2018.

⁸ Ver: Forensic Architecture. Disponível em: <https://forensic-architecture.org>. Acesso em jul. 2023.

na geologia política de Kathryn Yusoff, o filme apresenta uma construção audiovisual que situa o extrativismo antinegro e anti-indígena na origem do controle e do colapso ambiental modernos.

O que me interessa nesses projetos é como suas diferentes abordagens da prática estética desarticulam termos como atmosfera, clima e meio ambiente, reconfigurando-os como algo mais que categorias abstratas de naturezas não humanas. Em vez disso, tais termos se tornam insistentemente *socioecológicos*, densos emaranhados que envolvem política, economia e tecnologia, bem como biologia, química e geologia. Essa não é uma simples questão de perspectiva política, nem de uma história da arte social com associações e metáforas que reúnem distintos campos de significados. Ao contrário, essas práticas oferecem várias abordagens para o que Donna Haraway (2016, p. 88) chama de “materialismo sensível”, no qual violências coloniais e extrativistas passadas geram forças inextricáveis, determinantes e contínuas na vida social contemporânea, que têm um papel concreto na definição do presente de maneiras que não podem ser esquecidas, reprimidas ou separadas sem que se perpetuem violências epistêmicas. Como um espaço no qual estética e meio ambiente se cruzam (do mesmo modo que o Antropoceno identifica a irrevogável colisão entre as histórias humanas e naturais), o materialismo sensível abre a análise para o que chamo de “ecologia interseccional” – ou ecologia como uma ciência social tanto quanto de relações naturais (Demos, 2019). Além disso, ela propõe uma política de justiça sem a qual não seremos capazes de lidar com o passado, ao contrário, estaremos condenados a ser assombrados por ele.

Em seu livro *In the wake: on blackness and being*, de 2016, Christina Sharpe considera a “antinegritude clima total”, sugerindo uma mudança de fase parecida na conceitualização da emergência climática. Ela aponta para a infame história do massacre do navio britânico *Zong* em 1781, quando o capitão, após ficar sem água potável no mar aberto por causa de erros de navegação, optou por jogar ao mar 130 pessoas escravizadas para, em seguida, pedir indenização ao seguro pela ‘perda’ da carga. Em sua discussão sobre o caso, Sharpe menciona a ciência da ‘distribuição dos tempos de residência’: o tempo que uma substância leva para entrar e sair do oceano, que para o sangue humano e o sódio é de aproximadamente 260 milhões de anos. Em outras palavras, o passado do *Zong* ainda está presente; para as pessoas pretas “tudo é agora é sempre agora” (p. 41), ela

explica, citando Toni Morrison. A discussão de Sharpe oferece uma lição metodológica para a análise baseada na justiça ambiental. Ela constitui uma abordagem forense materialista do meio ambiente e da atmosfera que contribui para evitar o pensamento imediatista que abandona a história ao formular políticas orientadas para o futuro.

O desafio, e igualmente o imperativo, para uma política ambiental digna do nome (diferente da variedade “apolítica”, como o XR se autodeclara), é aproximar as emergências do passado às do presente, conectando-as por meio de suas complexas disjunções tanto quanto de suas continuidades. Seguindo o caminho de Sharpe, podemos voltar à questão do CO₂ ressaltada pelo Extinction Rebellion, e refletir sobre sua composição material de modo a ir além das estatísticas abstratas. Considerando a distribuição dos tempos de residência do CO₂ na atmosfera, pesquisas demonstram que entre 65% e 80% dele eventualmente se dissolve no oceano em um período de 20 a 200 anos (onde ele então poderá permanecer por outros milhões de anos).⁹ Isso significa que quando nos referimos ao carbono atmosférico realmente existente, o mais comum dos gases de efeito estufa, estamos falando da acumulação de dois séculos de emissões – derivadas não apenas das fontes industriais genéricas, mas também de todas as modalidades de casos passados de poluição ambiental, guerras, crimes contra os direitos humanos e violência social, incluindo as conflagrações e linchamentos da escravidão tardia nos EUA, as guerras mundiais do século 20, holocaustos, levantes revolucionários, extração colonial, destruição imperial e desastres industriais tóxicos. Os traços podem não ser exatamente ‘sensíveis’ em suas especificidades, mas é aí que a arte experimental se torna ainda mais urgente – fornecendo metodologias de sensoriamento diferentes. De fato, “tudo é agora é sempre agora”, e nós continuamos a consumir o CO₂, no mesmo nível, a cada respiração.

É claro que isso não é o mesmo que dizer que todo o ar é o mesmo, ou que todo mundo respira a poluição igualmente. Sabemos que os espaços de respiração são geografias racializadas, como observado há tempos por analistas da justiça ambiental (e evidenciado nos estudos sobre colonização atmosférica do Forensic Architecture). Vulneráveis, as populações marginalizadas estão

⁹ Carbon Brief. How long do greenhouse gases stay in the air?, *Guardian*, January 16, 2012. Disponível em: www.theguardian.com/environment/2012/jan/16/greenhouse-gases-remain-air. Acesso em jul. 2023.

situadas desproporcionalmente próximas de instalações que produzem lixo tóxico, o que demonstra que o ato de respirar é inseparável de histórias nas quais racismo estrutural, planejamento urbano e lixos industriais e militares convergem. As desigualdades de raça e classe não são experimentadas apenas de maneiras elementares – em relação ao ar, à água e ao solo – mas, falando de modo geral, “pretos e brancos de fato respiram ares diferentes” devido a disparidades sociogeográficas.¹⁰

O valor das práticas mencionadas reside em sua demanda por uma mudança no discurso ambiental das ciências humanas, demonstrando como análises, ativismo e práticas artísticas que focam suas energias em “carbono atmosférico” concebido de modo genérico são, no melhor dos casos, inadequadamente limitados, e, no pior, repressivos com histórias de violência. A contação de histórias crítica [*critical storytelling*], assim como a análise forense e uma nova poética geológica, oferece uma oportunidade para nós – acadêmicos, professores, escritores, estudantes – de nos transformar coletivamente por meio de novas maneiras sensíveis,¹¹ tornando-nos outros diferentes dos dóceis sujeitos de carbono, invasores coloniais, perpetradores de violência discriminatória e indivíduos competitivos por riqueza material – as posições tipicamente reforçadas nas culturas dominantes do petrocapitalismo. Nesse sentido, a ecologia interseccional demanda um ativismo correspondente para a construção de alianças entre identidades de diferença, começando por uma desidentificação com as formações hierárquicas opressivas da supremacia branca, do liberalismo sem distinção de raça [*color-blind liberalism*] e do antropocentrismo especista. Esse argumento não se baseia apenas em uma ética de perspectiva subjetiva ou em um esquerdismo de escolhas privilegiadas. Ao contrário, ele nasce do reconhecimento da necessidade prática, de fato na *emergência*, de se construir movimentos inclusivos e diversos, capazes de desafiar a tática do dividir para conquistar, própria de uma classe política elitista cujos membros, por meio de suas economias baseadas em combustíveis fósseis e suas guerras intermináveis, estão, com o seu lixo, levando à destruição do mundo no mundo.

¹⁰ Dillon e Sze (2016, p. 18) citando o *Washington Post*.

¹¹ O autor utiliza aqui a expressão ‘sensing’, o que pode significar tanto ‘novas maneiras de sensoriamento’ ou detecção dos dados científicos, quanto ‘novas maneiras de sentir’, duplicidade que se perde na tradução para o português [N.T.].

T. J. Demos é professor no Departamento de História da Arte e Cultura Visual e diretor do Center for Creative Ecologies [Centro para Ecologias Criativas] na Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Publicou diversos livros, entre os quais: *Against the Anthropocene: visual culture and environment today* (2017); *Decolonizing nature: contemporary art and the politics of ecology* (2016); *Return to the postcolony: specters of colonialism in contemporary art* (2013); e *The migrant image: the art and politics of documentary during global crisis* (2013). Na Primavera de 2020 foi bolsista do Getty Research Institute, trabalhando em um novo livro intitulado *Radical futurisms: ecologies of collapse / chronopolitics / justice to come*.

Texto originalmente publicado na revista *Afterimage*, v. 47, n. 2, em junho de 2020; doi: <https://doi.org/10.1525/aft.2020.472004>

Referências

- BLASER, Mario; CADENA, Marisol de la. Introduction: pluriverse; proposals for a world of many worlds. In: CADENA, Marisol de la; BLASER, Mario (ed.). *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- DEMOS, T.J. Ecology-as-Intrasectionality. *Panorama: Journal of the Association of Historians of American Arts*, v. 5, n. 1 (Bully Pulpit), Spring 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24926/24716839.1699>. Acesso em jul. 2023.
- DEMOS, T.J. To save a world: geoengineering, conflictual futurisms, and the unthinkable. *e-flux Journal*, 94, October 2018. Disponível em: www.e-flux.com/journal/94/221148/to-save-a-world-geoengineering-conflictual-futurisms-and-the-unthinkable. Acesso em jul. 2023.
- DILLON, Lindsey; SZE, Julie. Police power and particulate matters: environmental justice and the spatialities of in/securities in U.S. cities. *English Language Notes*, Fall/Winter 2016.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham, NC: Duke University Press, 2016. [Edição brasileira: HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.]
- SHARPE, Christina. *In the wake: on blackness and being*. Durham, NC: Duke University Press, 2016. [Edição brasileira: SHARPE, Christina. *No vestígio: sobre negridade e existência*. Ubu Editora, no prelo].

Dossiê recebido em março de 2023 e aprovado em maio de 2023.

Como citar:

DEMOS, T.J. Rebeliões de extinção. Dossiê Os Estratos da Terra. Tradução: André Leal. Revisão técnica: Patricia Mourão de Andrade. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 45, p. 99-110, jan.-jun. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n45.6>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.